Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte Jornal do Brasil Class.: AQUR0047
Data 26/08/91 Pg.: 1- Ecologia

Ecologia

TEMPO DE QUEIMADAS

Ronaldo Brasiliense

BELÉM - A Amazônia está novamente em pleno período de queimadas. Uma densa camada de fumaça cobre centenas de quilômetros no sul do Pará e sudoeste do Maranhão, entre Imperatriz e Marabá, desorientando os comandantes dos aviões que sobrevoam a região. No norte do Mato Grosso e Tocantins, fazendeiros queimam os resíduos de floresta nativa e áreas de cerrado para renovar o pasto. Em Rondônia, centenas de pequenos agricultores queimam a floresta para fazer suas roças, principalmente nos municípios localizados ao longo da rodovia BR-364 (Cuiabá-Porto Velho).

"A seca que atinge grande parte da Amazônia Legal tem provocado o aumento das queimadas", atesta o pesquisador Sérgio Pereira, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), de São José dos Campos. Segundo dados do satélite norte-americano Noaa, que monitora os focos de incêndio em toda a Amazônia para o Inpe, há queimadas em quase todos os estados. As exceções são Roraima, Amapá e norte do Amazonas, onde o período de chuvas continua, impedindo desmatamentos e queimadas.

A preocupação inicial da Operação Amazônia, do governo federal, será diminuir drasticamente os desmatamentos e queimadas no estado do Mato Grosso, que concentrou no passado mais de 80% dos desflorestamentos registrados pelos satélites Noaa e Landsat, monitorados pelo INPE. Os maiores focos de incêndio em Mato Grosso foram registrados nos municípios de Alta Floresta, Sinop e Matupá, principalmente com queimadas de floresta e cerrado para plantar pastagens.

"Vamos procurar recuperar o tempo perdido", afirma a presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), socióloga Tânia Munhoz. Com bastante atraso, a Operação Amazônia de combate às queimadas — relançada há duas semanas em Cuiabá —, tenta recuperar o tempo perdido devido à greve dos funcionários do Ibama, que durou mais de 40 dias.

"Estamos com 450 fiscais em ação", afirma Izabel Curiá, da Divisão de Fiscalização do Ibama, que coordena a Operação Amazônia. Com seis helicópteros e Cr$ 1,2 bilhão, o Ibama vem mobilizando um grande aparato, com apoio da Polícia Federal, para frear os desmatamentos e queimadas na Amazônia e poder apresentar, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), dados comprovando que o governo Collor interrompeu os desmatamentos na maior floresta tropical úmida do planeta.

Satélites do Inpe identificam centenas de incêndios na Amazônia, causados pela seca e por agricultores que fazem suas roças

"Há centenas de focos de incêndio no município de Santana do Araguaia, próximo à região do Bico do Papagaio", revela Sérgio Pereira, do Inpe, sempre com base em imagens do satélite Noaa. É no Bico do Papagaio que o Ibama centra suas brigadas de combate a incêndios. Um helicóptero com capacidade para 12 pessoas tem multado infratores na região do Rio Gurupi, entre o Pará e o Maranhão. Outro atua em Araguaína, no Tocantins. Um terceiro helicóptero foi para Ariquemes, em Rondônia, onde há muitos incêndios e extração ilegal de madeira. A região da rodovia Transamazônica, principalmente nos municípios de Itaituba e Altamira, também está sendo fiscalizada. Um outro helicóptero foi para o sul do Pará fiscalizar os focos de incêndio e desmatamentos nos municípios de Conceição do Araguaia, Xinguara, Redenção, Rio Maria, Marabá, Curionópolis e Parauopebas, todos localizados na área do Programa Grande Carajás.

"No Pará, ainda não encontramos grandes incêndios florestais", assegura o superintendente regional do Ibama, Reginaldo Anaissi. "Temos detectado focos de incêndio de renovação de pastagens e pequenas roças", acrescenta. Anaissi reconhece que o grande pique das queimadas ocorre agora, no final do mês. Em Roraima e no Amapá, proporcionalmente os estados menos desmatados da Amazônia Legal, as chuvas ainda impedem derrubadas da floresta e queimadas. Só a partir de outubro, com a chegada do verão amazônico nesses estados, a Operação Amazônia chegará os alcançará.

Iniciada no governo Sarney, a Operação vem obtendo bons resultados no combate aos desmatamentos. Se em 1987 houve mais de 80 mil quilômetros quadrados, em 90 esse número caiu para pouco mais de 13 mil quilômetros quadrados. "Acreditamos que os desmatamentos este ano não superarão oito mil hectares", torce o secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger. A crise econômica tem contribuído para que haja menos desmatamentos na região. Faltam recursos para os grandes empresários aplicarem nas fazendas de gado da Amazônia.

Os fiscais do Ibama estão sendo orientados para autuarem os infratores com rigor. Na Operação Amazônia do ano passado, foram expedidos 3.500 autos de infração, que geraram US$ 9 milhões em multas para os cofres do Ibama.

Fotos de Claus C. Meyer/Tyba

Um quadro desolador: os desmatamentos estão diminuindo, mas só no ano passado arrasaram 13 mil quilômetros quadrados de floresta tropical

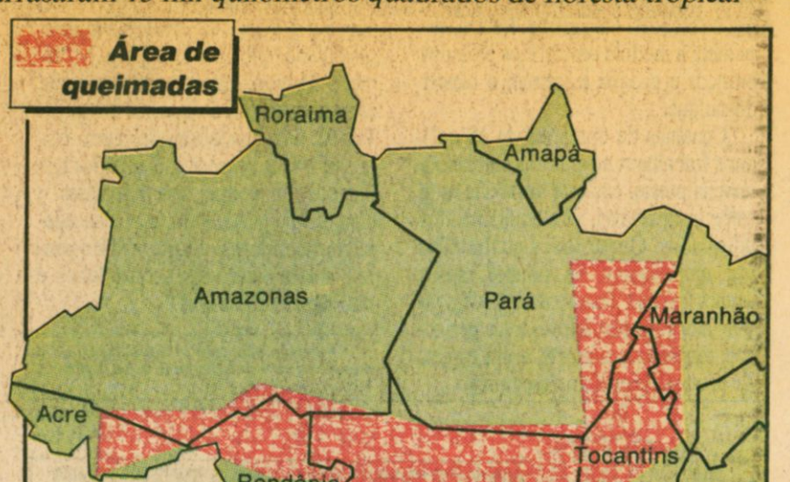
Mato Grosso é o campeão do incêndio

Mato Grosso, Tocantins, Maranhão e Pará são os estados da Amazônia Legal onde há maior número de focos de incêndio. Como no ano passado, Mato Grosso lidera as queimadas de forma incontestável: em junho e julho, o satélite Noaa, monitorado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), constatou 6.076 focos de incêndio no Mato Grosso, contra 2.971 no Tocantins, 1.962 no Maranhão, 1.426 no Pará e 254 em Rondônia.

"Os maiores incêndios ocorrem em áreas de fronteira agrícola do Mato Grosso e Tocantins, e em regiões onde predomina cerrado", garante o engenheiro florestal João Raposo, responsável pelo projeto Prev-Fogo, do Ibama, que recebe diariamente imagens do satélite Noaa identificando focos de incêndio. Raposo faz questão de destacar que o Noaa informa sobre focos de calor registrados na Amazônia Legal, que não necessariamente indicam queimadas. "Um barracão de zinco sob o sol intenso pode irradiar calor como se fosse um incêndio", exemplifica. As queimadas em outros estados da Amazônia Legal são, até agora, insignificantes. No Amazonas, em junho e julho, houve apenas 127 queimadas. No Amapá, apenas três. Houve o registro de apenas uma queimada no Acre. Em Roraima, onde o inverno chuvoso prossegue, o satélite Noaa não registrou nenhum foco de incêndio.

Os satélites Noaa e Landsat são fundamentais para o sucesso da Operação Amazônia. Enquanto o Noaa notifica diariamente os focos de incêndio, o Landsat analisa o impacto da queimada com maior precisão, pois detecta com maior grau de segurança o que realmente aconteceu no solo.

O Centro Integrado de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo (Cindacta), do Ministério da Aeronáutica, também participa da Operação Amazônia. Por determinação do ministro da Aeronáutica, brigadeiro Sócrates Monteiro, todas as aeronaves civis e militares que sobrevoam a Amazônia são obrigadas a fornecer ao Cindacta a localização dos incêndios florestais identificados.



Árvores seculares são sacrificadas para dar lugar a pastos e pequenas lavouras

Fogo aumenta na região do Mediterrâneo

Norma Couri

LISBOA - Nos últimos 20 anos, o fogo em Portugal comeu o equivalente a duas vezes o estado do Rio de Janeiro, afetou um terço do total das florestas lusitanas e, no mês passado, ao avançar pelo norte do Ribatejo, consumiu parte da maior mancha de pinhal da Europa. A calamidade só não atrai a atenção do mundo sobre Portugal porque os incêndios na Espanha são de longe considerados os maiores de toda a Comunidade Econômica Européia. Desde o começo do ano foram registrados cinco mil focos em território espanhol. Somados aos dos últimos cinco anos, já destruíram mais de 10 mil quilômetros quadrados. Portugal e Espanha, acompanhados pelo sul da França, que nos últimos dois anos teve mil quilômetros quadrados de florestas devastados, estão prontos para lançar o SOS Floresta Mediterrânea.

Um relatório da comunidade européia revela que mais da metade dos incêndios são provocados propositadamente. As razões: aumento de pastos e recuperação de terras para cultivo, baixar o custo da madeira queimada ou mera especulação imobiliária. A Europa está a um ano e meio da unificação de suas fronteiras, e o problema do fogo nas florestas permanece. Neste verão, o calor bateu os recordes do último meio século. Em Lisboa, a temperatura superou os 46 graus, sem brisa marinha. Os incêndios começaram mais cedo e pegaram os fiscais desprevenidos. É o triste retrato das atuais condições de preservação ecológica no sul da Península Ibérica.

Os incêndios passaram de menos de dois mil, há 10 anos, para quase 18 mil até o final do ano passado. Atingem povoados, provocam fuga de populações inteiras como a da Covilhã, cercam uma cidade como a de Coimbra com fogo e fumaça, interrompem a estrada de acesso do Algarve a Lisboa no auge do turismo e consomem áreas protegidas como as da Serra da Estrela ou Sintra. O coração verde do sul da Europa está em perigo, e com ele o mais rico patrimônio genético florestal do continente.

A Espanha, o país mais afetado pela erosão, tem na memória a história dos duques de Alba, que costumavam atravessar o país a cavalo sem jamais sair de suas propriedades. Também contam o folclore e a literatura infantil que os esquilos de antigamente podiam percorrer todo o território espanhol, de ponta a ponta, apenas saltando de árvore em árvore. Essa imagem é repassada para o resto do mundo, que na música, na arte, no cinema e na literatura, aprendeu a respeitar os gramados e os bosques europeus, cultivados de geração em geração — e agora seriamente ameaçados.

O combate ao fogo nesta região mediterrânea é feito principalmente pelos tradicionais aviões canadenses CL-125, de barriga larga e asas com flutuadores. Alemães e italianos estão desenvolvendo um novo modelo de avião contra incêndios, mas que só entrará em ação no final do século. Enquanto isso, o governo da Espanha admite que só será capaz de aplacar o estrago do fogo nas florestas no ano 2050.